

PARA LER QUANDO ESTIVER SOZINHO

MIKE STRAVER

Eu tinha treze anos e minha família se mudara do norte da Flórida para o sul da Califórnia um ano antes. Eu era, como a maioria dos adolescentes, raivoso e rebelde, não dando importância ao que meus pais diziam, principalmente se tivesse alguma coisa a ver com meu comportamento.

Lutava para contestar qualquer coisa que não correspondesse à minha idéia do mundo. De uma extrema auto-suficiência, eu rejeitava qualquer manifestação pública de amor. Na verdade, ficava irritado com a simples menção da palavra amor.

Na noite de um dia particularmente difícil, entrei no quarto como um furacão, tranquei a porta e me joguei na cama. Ali de lado, escorreguei as mãos por baixo do travesseiro e achei um envelope. Nele se lia: "Para ler quando estiver sozinho."

Como estava sozinho, ninguém saberia se eu lera ou não.

Assim, abri e li:

Mike, sei que a vida está dura agora, sei que você se sente frustrado e que, apesar da nossa boa intenção, nem tudo que fazemos é certo. Mas sei principalmente que amo você demais e nada do que você faça ou diga vai mudar isso. Nunca. Estou aqui para conversar, se você precisar e, se não precisar, tudo bem. Saiba que não importa aonde você vá ou o que você faça na vida, sempre vou amá-lo e sentir orgulho de tê-lo como filho. Estou aqui por você e o amo. Isso não vai mudar nunca.

Com amor. Mamãe.

Esta foi a primeira de muitas cartas "para ler quando estiver sozinho". Jamais falamos sobre elas, até eu ser adulto. Hoje eu corro mundo ajudando -pessoas. Estava dando um seminário na Flórida e, no final da palestra, uma senhora veio falar comigo sobre os problemas que estava tendo com o filho.

Fomos até a praia e falei para ela do enorme amor de minha mãe e das cartas "para ler quando estiver sozinho". Semanas depois, recebi um cartão onde a senhora dizia ter escrito sua primeira carta para o rapaz.

Naquela noite, passei a mão sob meu travesseiro e me lembrei do alívio que sentia sempre que encontrava uma carta.

Nos anos atribulados de minha adolescência, as cartas eram a garantia silenciosa de que eu era amado, apesar de tudo, incondicionalmente. Essa gratuidade do amor de minha mãe me ajudou a superar as crises e revoltas da adolescência e fez vir à tona o que eu tinha de melhor. Agradei a Deus por minha mãe saber do que eu - um adolescente raivoso - precisava. Por ela ter persistido apesar do meu silêncio, da minha aparente indiferença.

Hoje, quando os mares da vida se tornam revoltos, sei bem que sob meu travesseiro está a segurança de quanto o amor - consistente, durável, incondicional - é capaz de mudar vidas.